

Sobre a Natureza das Cidades — e o Futuro da Conservação

Por Robert I. McDonald

Originalmente publicado em E-Magazine

A Mais de 25 anos atrás, Oautor e ativista Bill McKibben famosa declarou o [fim da natureza](#). Definindo "natureza" como lugares selvagens essencialmente intocados por pessoas, McKibben argumenta que o nosso impacto ambiental coletivo, especialmente a nossa alteração no clima o planeta—não deixou nada em bom estado no planeta na Terra.

Por esta definição, McKibben estava certo: A natureza está morta. E, no último quarto de século, a nossa dominação e destruição da Terra só tem crescido. A [mudança climática](#) na qual McKibben nos avisou se desenrola em torno de nós. Nós [cruzamos outros limites](#) que alteraram fundamentalmente a química e a função do planeta. E nós estamos mais longe da natureza do que nunca, já que mais de metade da humanidade vive agora nas cidades.

As cidades que chamamos de lar são, em muitos aspectos, o oposto da visão de McKibben da natureza. Eles são quase inteiramente espaços feitos pelo homem, projetados para atender às nossas necessidades e desejos. Ainda assim essas cidades lançaram uma nova onda de ativismo ambiental. O ambientalismo urbano tem causado um considerável exame de consciência entre os ambientalistas, mas também pode anunciar um novo capítulo na relação entre os seres humanos e os sistemas naturais que nos sustentam.

Hoje, as cidades estão abraçando natureza—ainda que seja uma versão de engenharia dela. New York City, com todos os seus famosos arranha-céus, tem gerado um buzz sobre uma [floresta na Times Square](#) e do seu [parque High Line](#), construído sobre um esporão ferroviário redirecionado. Enquanto isso, os ecologistas e economistas têm quantificado o valor da natureza nas cidades, demonstrando suas contribuições para desde a [gestão de águas pluviais](#) até a [qualidade do ar](#) para [melhorar a saúde](#).

E, enquanto a luta internacional contra a mudança climática parece estar moribunda, centenas de cidades estão tomando medidas significativas para reduzir suas emissões de gases com efeito de estufa, trabalhando em conjunto em grupos tais como a [asC40](#) e [ICLEI](#).

Como parte dessa onda de ativismo, muitos grupos ambientais e de conservação estão lançando novos programas em áreas urbanas. Minha própria organização, [The Nature Conservancy](#), acabou de começar um programa desse tipo. O [Fundo Mundial para a Natureza](#) está se concentrando no ambiente urbano, assim como o [Banco Mundial](#) e a [União Internacional para a Conservação da Natureza](#). As principais organizações filantrópicas nos EUA,

como a [Kresge Foundation](#) e a [Fundação Rockefeller](#), lançaram programas para tornar cidades mais resistentes em face da mudança climática e outras catástrofes.

Alguns programas ambientais urbanos se concentram em restaurar a "infra-estrutura natural." Outros promovem a ideia de que ilhas de natureza urbana—até mesmo árvores de rua—podem tornar os moradores da cidade mais felizes, mais saudáveis e mais produtivos.

Difícil argumentar contra, certo? E ainda há um debate profundo e amargo dentro do movimento de conservação sobre se estes programas urbanos são realmente sobre a proteção da natureza. Trata-se de proteger a natureza se salvar uma floresta que rodeia um reservatório de água potável? A maioria dos conservacionistas diriam que sim, mesmo que a floresta tenha sido registrada ou alterada por pessoas. Mas o que dizer de uma zona úmida artificial, ou algumas gramas que crescem em um telhado verde? Muitos ambientalistas sentem que não há nada de natural nestes novos conjuntos de plantas que os seres humanos têm agrupado para os nossos próprios fins.

Isto levanta questões maiores. A conservação é apenas sobre a proteção da natureza das pessoas—salvando a biodiversidade e os poucos lugares selvagens restantes? Ou é também sobre a manutenção da natureza *para as pessoas*, economizando—ou mesmo criando— espaços naturais? Conservacionistas da velha guarda veem a ideia da natureza para as pessoas como ofensivo, como uma Mãe Terra vendida. Como o naturalista lendário [E.O. Wilson](#) disse para a autora [Emma Marris](#) a alguns anos atrás, "[Aonde você planta a bandeira branca que está carregando?](#)"

O problema com a visão da velha escola da conservação é esta: Se acreditamos que estamos agora a 25 anos após o fim da natureza, então a sua própria conservação está agora chegando ao fim. Em 2050, [dois terços da humanidade viverão em cidades](#). Se a conservação não tem nada a lhes oferecer, então é em grande parte irrelevante. Por outro lado, se a conservação é, pelo menos em parte, sobre as pessoas, então fazer do nosso mundo urbano mais verde e humano é uma parte essencial do trabalho de um conservacionistas.

A última visão aponta para um novo tipo de relação com a terra. A microbiologista Rene Dubos escreveu uma vez sobre o "cortejo da Terra." Ao invés de viver como mestres da Terra, curvando-a para a nossa vontade, Dubos imaginou seres humanos como os amantes da Terra, tomando decisões sobre a natureza com amor e respeito em nossos corações. A natureza não é algo à parte da humanidade, mas algo que devemos amar e interagir, e algo que irá mudar à medida que nos muda.

Em nosso mundo cada vez mais urbanizado, poderíamos lamentar a morte da natureza como McKibben uma vez definiu. Ou podemos ampliar nossa visão da natureza e para incluir cidades humanas, verdes e bonitas. Isso não é o fim da natureza, mas um novo começo.

Dr. Robert McDonald é cientista sênior para o Uso Sustentável da Terra para a Conservação da Natureza, onde ele é cientista-chefe para os esforços da organização em descobrir como tornar cidades mais sustentáveis. Ele é PhD em Ecologia pela Universidade de Duke e com mais de 30 publicações, muitos deles na ciência de como cidades dependem do meio ambiente. Ele é o autor do livro [Conservação das Cidades: Como planejar e construir infra-estruturas Naturais](#), publicada pela Island Press, e para o blog da Nature Conservancy's Cool Green Science.